



HIV/Aids: Transformando a comunidade em espaço de solidariedade

Começo, reproduzindo uma história, publicada no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre:

“Ainda vou viver muito”

“Descobri que era portadora do HIV em 1999. Peguei o resultado sozinha, no dia do meu aniversário. Fui infectada por meu ex-marido. Ele era usuário de drogas. No início achei que seria o fim do mundo. Caí em depressão, fiquei mal mesmo. Só me levantei por causa do meu filho (hoje com 10 anos), que não tinha o vírus e precisava de mim. Mesmo assim, só iniciei o tratamento um ano depois do diagnóstico. Só a minha mãe e os meus irmãos sabem que tenho o vírus. No início, quando minha mãe soube que eu era mesmo portadora, passou a limpar com álcool as coisas que eu tocava, desde talheres e copos, até o lugar onde eu sentava.

Um dia, não agüentei mais e disse para ela que ela teria de me aceitar como eu era, senão não iria mais me ver. Ela acabou aceitando, foi a uma reunião sobre Aids comigo, para aprender a lidar com a situação. A menina que estou esperando agora é de um namorado. Estava me preparando para contar que tinha o vírus, mas com a notícia da gravidez ele foi embora e eu decidi criar a criança sozinha.

Fiquei sabendo que estava grávida em fevereiro deste ano. Como já freqüentava as reuniões e palestras sobre a doença, sabia que o meu bebê não seria afetado se eu me tratasse desde cedo.

Estou fazendo tudo direitinho. Para você ver como são as coisas: a minha mãe agora está doente, morrendo de câncer em um hospital, e eu, que tenho HIV, ainda vou viver muito”.

Patrícia (nome fictício), 25 anos, soropositiva, grávida de seis meses.

Segundo o relatório da ONU de 2004, esse é o perfil das pessoas portadoras do vírus HIV-Aids que mais vem crescendo no mundo e também no Brasil: Mulheres heterossexuais,

Atividade

Rótulos

Material: Uma etiqueta ou rótulo com adesivo, para cada participante. Cada rótulo deverá conter um dos seguintes dizeres: “aprecie-me”, “aconselhe-me”, “ensine-me”, “ria de mim”, “respeite-me”, “ignore-me”, “zombe de mim”, “tenha piedade de mim”, “ajude-me”.

O facilitador coloca na testa de todos os participantes uma etiqueta, evitando que o recebedor saiba o que está no seu próprio rótulo.

A seguir, os participantes caminham pela sala, reagindo com os demais de acordo com os rótulos da testa do outro. Cada participante deverá adivinhar qual é o seu rótulo a partir das reações recebidas dos demais.

Após dez minutos, cada participante dirá se adivinhou os dizeres do seu rótulo e qual seu significado.

Finalmente, o grupo conversa sobre como cada qual se sentiu em relação à reação dos demais e o que isso tem a ver com o tema deste estudo, HIV/Aids.

Filmes sobre Aids

E a Vida Continua
Paciente Zero
Declínio do Império Americano
Amor e Restos Humanos
Kids
O Presente
Eu Amo esse homem
Noites Felinas
Filadélfia
O Clube dos corações partidos
A Velocidade de Gary
A Cura
Meu Querido Companheiro
As Horas
Um Amor Quase Perfeito
Tudo Sobre Minha Mãe
Terra de Sonhos
Antes do Anoitecer
ABC África
Corações Apaixonados

pobres e monogâmicas. O crescimento de casos no mundo foi de 12 %, somando 37,8 milhões de pessoas infectadas. Na América Latina são 1,7 milhões de pessoas atingidas, das quais um terço é do Brasil.

O quê fazer diante desta realidade? As Organizações Não-Governamentais, o governo brasileiro, a sociedade civil em nosso país de modo geral têm buscado cumprir seu papel em relação ao HIV/Aids. O Brasil, neste sentido, tem servido de exemplo de engajamento.

E as igrejas? O quê as igrejas, em especial aquelas que confessam Jesus Cristo como seu fundamento, têm feito em relação ao assunto? Um grande silêncio!

Quebrar o silêncio. Restaurar a dignidade: Este é o desafio proposto pelo seminário nacional da IECLB em julho deste ano, em Rodeio (SC) sobre o tema. É, pois, necessário começar a falar sobre o assunto. Parar de fazer de conta que a igreja é uma ilha isolada das questões que atingem a humanidade. Certamente, dentro da própria igreja há pessoas que convivem com o HIV/Aids e que estão sozinhas e emudecidas, porque não temos a coragem evangélica de viver como Jesus viveu.

Além de falar, isto é, conscientizar e informar-se sobre a questão, é necessário restaurar a dignidade. Como fazê-lo, diante de situações como a da Patrícia da nossa história? Transformar as nossas comunidades em espaços de solidariedade, comunhão, respeito, amor e parceria. Somente essa pode ser a nossa resposta. Pois, nos olhos do irmão e da irmã é que se reflete a imagem do nosso ser cristão. Neles é espelhada a nossa fé, nossas convicções, nossa maneira de pensar e agir.

Que possamos ver espelhado no olhar da irmã e do irmão a ternura, a bondade, a misericórdia, o amor e a solidariedade que Jesus espelhava nos olhos das pessoas que com ele conviviam.

(Outros textos no site www.diaconia.ieclb.org.br)

